

## NOVOS OLHARES SOBRE O TRABALHO FEMININO NA ATENAS CLÁSSICA

DAYANNE DOCKHORN SEGER<sup>1</sup>; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – dayannedockhorn@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

A maneira como uma sociedade estrutura as relações humanas mais fundamentais – as relações entre o feminino e o masculino – tem grandes implicações para a totalidade de um sistema social. Ela afeta os papéis individuais e direciona as vidas de mulheres e homens, seus valores, instituições sociais e o próprio caráter da sociedade. A sociedade grega antiga opôs o feminino ao masculino, condicionando a guerra como medida ideal para a vida dos homens e o casamento para a vida das mulheres; consequentemente, o aspecto heroico guerreiro e os valores tradicionais da boa esposa foram cultivados como base do sistema de relações sociais.

Na Atenas Clássica, as relações de gênero se constituíam como relações hierárquicas e de poder, que se exteriorizavam em um discurso normativo de dominação masculina impregnado na produção artística, intelectual e jurídica daquela sociedade (GUIMARÃES NETO, 2010, p. 22). Nas últimas décadas, tornou-se de certa forma consenso que o papel da mulher na sociedade grega antiga foi bem mais amplo e ativo do que o modelo do silêncio, submissão e reclusão ao espaço doméstico deixou entrever (ANDRADE, 2014, p. 117). Cohen (1989) e Lessa (2004) demonstram como as mulheres formavam seu próprio espaço público de atuação, certamente não apreendido pela visão masculina do universo políade.

Atualmente, aceitamos que a separação sexual entre privado e público e o encarceramento feminino são construções simbólicas dos textos antigos, muito antes de constituírem uma realidade absoluta e, em consequência, devemos direcionar um olhar aberto e flexível à cultura material e o que ela pode comunicar (DUKELSKY, 2013, p. 97). Na iconografia vascular, podemos ver cenas que figuram exatamente essa atuação fora do espaço do grupo doméstico. Se as mulheres estão, de fato, todos os dias presentes no espaço público, tais conceitos consolidados na historiografia como o *trabalho* e a *política*, dividida entre vida pública e vida privada, podem ser questionados, desafiados e abordados por uma perspectiva diferente.

### 2. METODOLOGIA

Nossa metodologia de trabalho com o material cerâmico resultou na formulação de um catálogo representativo que por vezes suporta e por vezes contradiz e desafia nossos argumentos e fontes, auxiliando-nos na busca de questões pertinentes para discussão e nos disponibilizando com dados específicos da representação do gênero feminino na iconografia vascular.

O estudo iconográfico dos dez vasos do Catálogo foi realizado com base em nossas descrições, uma vez que possuímos registros fotográficos retirados, em sua totalidade, da *internet*. Coleções *online* de museus e o Arquivo Beazley foram os principais instrumentos na pesquisa e levantamento do Catálogo. Gostaríamos de ressaltar também as dificuldades que encontramos quanto ao acesso a esse

material desde o Brasil, fator que delimita em grande parte a pesquisa. Quando disponibilizado em catálogos *online* (os mais utilizados, pela sua abrangência, são o Arquivo Beazley<sup>1</sup> e o *Corpus Vasorum Antiquorum*<sup>2</sup>), muitas vezes ainda nos faltam informações sobre proveniência, estado de conservação da peça, suas dimensões, e imagens profissionais que permitam analisar aspectos das cenas iconográficas em ambas as faces do vaso. Além disso, as imagens disponibilizadas causam interferências de cor (as imagens do Arquivo Beazley são, em sua maioria, em preto e branco e apresentam a marca d'água sobre elas, visto que essas fotos não podem ser usadas para publicação), algumas vezes não contemplam escala, nem a totalidade do vaso, apenas a cena representada, de modo que somos obrigados a utilizar outras formas de abordagem para análise dessas peças, sobretudo por meio de ilustrações e desenhos.

Ao final da análise, percebemos como as separações entre público e privado foram espelhadas na configuração da relação entre o masculino e o feminino, durante sua reapropriação no processo de formação dos estados nacionais modernos (sécs. XVII e XVIII). Igualmente, percebemos que não podemos compreender essa separação como estruturante das relações entre masculino e feminino, porque esses sujeitos ultrapassam essas demarcações o tempo todo. Se continuamente encontramos exceções às regras, isso significa que essa regra não se aplica à realidade em questão. A tentativa do distanciamento entre espaço público e feminilidade pode ter sido efetiva no meio do contexto em que foi criada, mas já não o é mais. São diversas as pesquisas nas últimas décadas que contribuem para a percepção de que as mulheres gregas e atenienses não estavam em uma posição inferior aos homens demonstrando como as releituras da documentação antiga, tanto a textual, como a material, são benéficiais para a desconstrução de “verdades” há muito consagradas nos meios acadêmicos (e também fora deles), e como a sua utilização conjunta aprimora e refina as interpretações que fazemos a respeito do passado.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao utilizar o conceito de trabalho, nos cabe definir o que constituímos como “trabalho feminino”. Lessa (2004), ao sistematizar as ocupações femininas das esposas da pólis ateniense, demarca a existência, entre os gregos, do conceito de *téchne*. *Téchne* remete a um tipo de saber especializado, de aprendizagem, ou ainda implica um conhecimento especializado ligado à prática de um ofício, como, por exemplo, o ofício dos artesãos da cerâmica. O autor defende a ideia de um saber especializado das esposas, de modo que a tecelagem, fiação, culinária, e a própria administração do *oikos* pressupunham a existência de um saber feminino, compreendido dentro de uma diferenciação sexual do trabalho: “A própria existência de divisão na execução das atividades femininas no interior do *oikos* ou mesmo fora deste espaço já nos remete à noção de *techné*” (LESSA, 2004, p. 36). Igualmente, a noção de *chréia*, que é aquela da necessidade, pode ter relação com as atividades femininas, visto que essas atividades, exercidas tanto no espaço interno quanto no externo, se constituem essenciais ao equilíbrio da casa e da organização políade.

A separação das esferas masculina e feminina na vida social da Atenas clássica causou a distinção entre os papéis de homens e mulheres, os quais determinam o modo pelo qual toda a sociedade se organiza. A exemplo disso,

<sup>1</sup> Hospelhado em <http://www.beazley.ox.ac.uk/index.html>

<sup>2</sup> Hospelhado em <http://www.cvaonline.org/cva/>

podemos nos remeter aos modelos de educação ministrados a cada um dos gêneros: enquanto as meninas eram treinadas para administrar o espaço doméstico, do mesmo modo os meninos eram instruídos a se tornarem soldados e cidadãos políticos da pólis (SILVA, 2011, p. 48-49), o que condiciona desde cedo os papéis que eles terão no mundo do trabalho.

Notamos que, nas fontes antigas, as tarefas femininas que fogem aos parâmetros do ideal masculino de reclusão estão sempre associadas a uma “situação-limite”, ou seja, uma atividade que remete a uma necessidade imediata e, ao mesmo tempo, temporária, derivada de um contexto de crise no grupo doméstico (a morte do senhor da família, os tempos de guerra e a ameaça à pobreza). Essa postura foi posteriormente reforçada na historiografia, além do aparente consenso por parte dos especialistas contemporâneos quanto à necessidade das mulheres de classes sociais baixas desempenharem tarefas laborais frequentemente fora do espaço doméstico. Contudo, não devemos justificar o trabalho feminino no espaço público apenas como último recurso ou devido a situações de pobreza. As mulheres conformavam parte significativa da população da pólis, e não podemos acreditar que elas não exerciam atividades no espaço público apenas porque o discurso masculino dominante não o relatou.

#### 4. CONCLUSÕES

A documentação abordada durante a pesquisa nos levou a reforçar o espaço das mulheres na pólis ateniense nos mais diversos ambientes: grupos domésticos de terceiros, mercados públicos, estabelecimentos privados, as fontes, os campos agriculturáveis. Confirmamos sua presença, sua atuação e a importância do seu trabalho no contexto da pólis ateniense através da sua materialização na decoração da cerâmica, o que demonstra também o seu reconhecimento no próprio contexto grego antigo. Essa presença compromete a visão construída da ausência feminina do mundo social e público da pólis, colocando em evidência a participação e a frequência que o gênero feminino ocupou esses espaços - tanto quanto os homens, por vezes ao lado deles - mesmo que a documentação textual afirme o contrário.

Nosso principal propósito foi a desconstrução de um modelo prolongado e difundido durante cerca de 2600 anos, pensando além do discurso normativo criado e propagado por uma minoria a respeito da posição social das mulheres na Grécia antiga. Planejamos desestruturar, sobretudo, percepções do senso comum que submetem às mulheres um ideal feminino rígido centrado na figura da esposa: a boa esposa, aquela rememorada às “mulheres de Atenas”, pertence ao espaço da família e da casa, e tem sob sua exclusiva responsabilidade o cuidado dos filhos, o manejo do patrimônio familiar, aceitando todas as condições que lhe impõem e permanecendo silenciosa, reprimida e submissa. Não podemos deixar de fazer a ligação entre o contexto ocidental moderno e a Grécia antiga quando lidamos com esse discurso (ANDRADE, 2005, p. 173).

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. M. A cidade das mulheres: cidadania feminina e a pólis revisitada. In: Pedro Paulo A. Funari, Lourdes Conde Feitosa, Gladson José da Silva. (Org.). **Amor, Desejo e Poder na Antiguidade**. 1ed. São Paulo: Unifesp , v. 1, p. 115-14, 2014.

\_\_\_\_\_. Gênero, Poder e Diferenças. **Phoinix** [da] Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 11, p. 171-187, 2005.

\_\_\_\_\_. O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres na Atenas Clássica. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. **Anais Eletrônicos do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo: ANPUH. p. 1-15, 2011.

BOARDMAN, J. **Athenian Red Figure Vases: the Archaic Period**. London: Thames and Hudson, 1975. 252 p.

COHEN, D. Seclusion, Separation, and the Status of Women in Classical Athens. In: **Greece and Rome**, v. 36, n. 1, abril, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. **Athenian Red Figure Vases: The Classical Period**. Thames & Hudson Lts, London, 1989. 252 p.

\_\_\_\_\_. **The History of Greek Vases. Potters, Painters and Pictures**. London: Thames and Hudson, 2001. 320p.

CERQUEIRA, F. V. Evidências Iconográficas da participação de mulheres no mundo do trabalho e na vida intelectual e artística na Grécia Antiga. **IV Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP**. p. 151-185, 2008.

\_\_\_\_\_. Interpretando evidências iconográficas da mulher ateniense. **Cadernos do LEPAARQ** [da] Universidade Federal de Pelotas, v. 5, p. 96-126, 2012.

DUKELSKY, C. El poder evocador de las imágenes: fuentes y mujeres en la cerámica griega. In: CERQUEIRA, Fábio; GONÇALVES, Ana Teresa; MEDEIROS, Edalaura e BRANDÃO, José Luís (orgs.). **Saberes e poderes no Mundo Antigo: Estudos ibero-latino-americanos**, vol. 1: Dos saberes. 2013. Coimbra: Simões e Linhares. p. 93-114.

GUIMARÃES NETO, E. M. **Gênero, Erotismo e Poder: Comparando Identidades Femininas em Atenas (Séculos VI-IV a.C.)**. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

KATZ, M. A. Ideology and "The Status of Women" in Ancient Greece. **History and Theory**, v. 31, n. 4, Beiheft 31: History and Feminist Theory, p. 70-97, 1992.

LESSA, F. S. **O feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

SILVA, T. N. **As Estratégias de Ação das Mulheres Transgressoras em Atenas no V século a.C..** 2011. 199 f. (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.